

Bier diz que momento mais agudo já passou

Segundo o secretário, a dinâmica inflacionária mudou. As razões para a alta de preços não se sustentam, porque o dólar recuou a R\$ 1,70

O momento mais agudo da crise na economia brasileira já passou, mas ainda há um longo caminho a percorrer, na avaliação do secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Amaury Bier. "Estamos indo muito bem, há indicações claras de que o ambiente melhorou bastante e tudo caminha de forma favorável, mas não terminamos a travessia ainda; eu diria que estamos no meio dela", afirmou. Apesar do tom cauteloso, o secretário admite que os dados divulgados nos últimos dias estão melhores do que o projetado.

Para o secretário, notícias como taxas de inflação abaixo do esperado, dólar em queda e recorde nas bolsas de valores são explicados, em parte, por três fatores: o Governo não hesitou em elevar as taxas de juros quando foi necessário, o país fechou um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), e houve avanços palpáveis das medidas de ajuste fiscal.

"O cenário um pouco mais desanuviado, certamente melhor do que se previa, se deve a esse conjunto de

fatores: a percepção de que a política econômica tem rumo, a questão fiscal está sendo claramente atacada e a política monetária foi acionada no momento correto", afirmou. "Esse conjunto de fatores ajuda a explicar o que está acontecendo." As surpresas nos índices de inflação, segundo Bier, têm ainda uma explicação adicional: uma mudança no comportamento dos preços, com a qual os analistas ainda estão aprendendo a lidar.

Ele lembrou que, antes do Plano Real, quem apostasse que a inflação seguiria sempre uma trajetória para cima teria poucas chances de errar. Após quatro anos de estabilização, porém, a história é outra: os preços podem subir num primeiro momento, mas só se mantêm altos se houver fatores a sustentá-los.

"Estamos numa economia em que a dinâmica inflacionária é diferente da anterior ao Plano Real", observou. "As razões para essa alta de preço não se sustentam, seja porque a demanda não sancionou, seja porque um preço importante para a economia, como o dólar, voltou de R\$ 2,15, R\$ 2,20 para R\$ 1,70." Outro ponto importante, segundo Bier, foi a superação das discussões em torno da reindexação. "Isso seria um retrocesso brutal, dificultaria enormemente o trabalho do Governo e o interesse da sociedade seria seriamente maculado" comentou.

Além disso, segundo sua avaliação, o processo inflacionário per-

avâncos na área fiscal em janeiro, quando conseguiu aprovar medidas como a cobrança de contribuição previdenciária dos servidores públicos civis aposentados e a prorrogação da cobrança e o aumento da alíquota da Contribuição Provisória sobre a Movimentação Financeira (CPMF). "As receitas tributárias estão bem, até superiores ao programado, e as despesas de custeio e capital recuaram", disse Bier.

Houve ainda a assinatura do acordo com o FMI, que melhorou as expectativas do mercado sobre o fluxo de capitais, contribuindo para a volta dos ingressos de moeda estrangeira. "O País acaba saíndo do ciclo vicioso e entra num processo que começa a se desenhar como virtuoso, mas que ainda não se consolidou", comentou o secretário.

Na sua avaliação, a reação do mercado financeiro e da economia como um todo às ações do Governo no combate à crise foram bastante positivas. O mercado de câmbio, por exemplo, saiu da situação de *overshooting* "mais rápido do que se esperava", segundo o secretário.

A superação do *overshooting* cambial, acredita o secretário, deveu-se a uma mudança das expectativas do mercado. "A percepção de que a economia brasileira está-se ajustando acaba levando a algumas decisões de investimento no país, o que por sua vez leva ao retorno dos fluxos e isso ajuda a normalizar a situação no mercado de câmbio", explicou.



Bier: linha de ponderação

deu fôlego porque nem todo o efeito da desvalorização sobre os custos foi repassado ao consumidor. "Há jogo de oferta e demanda funcionando, o jogo do comportamento do consumidor funcionando e também a percepção de futuro. As expectativas são muito importantes nesse particular", disse Bier.

Ele explicou, ainda, que era difícil prever como se distribuiria no tempo o repasse aos preços do efeito da desvalorização cambial. Ele lembrou que as taxas de inflação apuradas em fevereiro foram mais altas do que se esperava, assim como as de março estão surpreendendo por estar abaixo do projetado.

O Governo conseguiu exibir